

Web Revista Linguagem,
Educação e Memória

ISSN 2237-8332

Sexualidade feminina em “Magra de Ruim”: o prazer importa

Women sexuality in “Magra de Ruim”: pleasure matters

Jaqueline dos Santos Cunha¹

Ana Cláudia Gomes Ataídes²

Resumo: O presente trabalho procura compreender as representações da manifestação da sexualidade feminina na história em quadrinhos *Magra de ruim* (2016), da quadrinista brasileira Sirlanney Freire Nogueira (1984). Trata-se de uma obra de autoficção quadrinística que tem como personagem principal Magra de Ruim. É por meio dela que entrevemos as experiências que são comuns às várias mulheres que procuram conhecer e explorar a própria sexualidade no sentido do desprendimento da cultura patriarcal que limita, ignora, silencia e estereotipa a mulher “desejante”. A investigação nos mostrou que produções de autoria feminina que versam sobre sua própria sexualidade são, por si só, iniciativas de transgressão e ressignificação do corpo e do prazer feminino.

Palavras-chave: Mulheres quadrinistas; sexualidade feminina; autonomia.

Abstract: This study examines women sexuality representation in *Magra de Ruim* (2016), a comic book created by the author-artist Sirlanney Freire Nogueira. It is an autofictional comic book that addresses Magra de Ruim’s experiences. Through her story, we have a glimpse of experiences that are common to the various women who seek to know and explore their own sexuality in the sense of detachment from the patriarchal culture that limits, ignores, silences, and stereotypes the “desiring” woman body. The investigation showed us that productions of female authors that deal with their own sexuality are, in themselves, initiatives of transgression and re-signification of the female body and pleasure.

¹ Mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-7167-1616>. E-mail: jqln.cunha@gmail.com.

² Graduada em Letras - Português/Inglês pela Universidade Estadual de Goiás – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0622-8463>. E-mail: anaclaudiaataides18@gmail.com.

Keywords: Female comic authors; female sexuality; empowerment.

1 Introdução

O presente trabalho procura compreender as representações da manifestação da sexualidade feminina na história em quadrinhos *Magra de Ruim* (2016), da quadrinista brasileira Sirlanney Freire Nogueira (1984). Trata-se de uma obra de autoficção³ quadrinística, vencedora do prêmio *Dente de Ouro* (2017)⁴, que tem como personagem principal Magra de Ruim. É por meio dela que entrevemos as experiências que são comuns às várias mulheres que procuram conhecer e explorar a própria sexualidade no sentido do desprendimento da cultura patriarcal que limita, ignora, silencia e estereotipa a mulher “desejante”.

Sirlanney se autodenomina “quadrinista de internet”. Isso se deve ao fato das suas produções terem sido, a exemplo de *Magra de Ruim*, produtos quadrinísticos experimentais produzidos e disponibilizados parcialmente na *internet*. Somente mais tarde, em 2014, que sua produção foi compilada e publicada, primeiramente via financiamento coletivo e, posteriormente, pela *Lote 42*. Isso significa dizer que sua projeção como quadrinista aconteceu por meio de redes sociais tais como *blog*, o *Facebook* e o *Instagram*:

[...] penso que posso me dar esse título “Quadrinista de Internet”, levando em conta que faço quadrinhos há 5 anos, e que, nos últimos 3 anos, tive uma média de 2 quadrinhos por semana, e que, meu principal meio de divulgação é a internet; então, sim, posso no mínimo falar sobre a minha experiência (NOGUEIRA, 2016).

Sirlanney criou o *blog Magra de Ruim* em 2003 e, por intermédio dessa plataforma, passou a publicar, em 2009, seus quadrinhos de cunho autoficcional. Segundo afirma em entrevista, a artista faz suas tirinhas para falar da própria vida, de seus sentimentos e para não enlouquecer (TPM, 2014). Portanto, muitos dos dilemas enfrentados pela artista aparecem na sua obra, tais como: seu sentimento de fracasso e insucesso profissional, o uso de drogas, sua (in)dependência amorosa, sua sexualidade e seu processo de construção como feminista. Em outras palavras, sua imaginação artística se inspira em seus dilemas pessoais e íntimos.

³ Autoficção é um termo que foi inventado pelo francês Serge Doubrovsky em 1977.

⁴ O prêmio *Dente de Ouro* é uma iniciativa da *Feira Dente Publicações* que procura reconhecer e estimular publicações de obras independentes.

Ao nos dedicarmos à *Magra de Ruim*, buscamos compreender algumas representações da sexualidade feminina. Problematizamos o imbricamento entre os conteúdos da imaginação artística que suportam as projeções dos desejos masculinos – o que chamamos de “efeito espelho” - e a experiência plena de um ser desejante que se percebe como protagonista da própria sexualidade.

Como compreendemos, os estudos das histórias em quadrinhos e das possíveis interfaces com as questões de gênero e da sexualidade são expedientes que permitem aos pesquisadores lançar luz sobre alguns dilemas da experiência individual e social que são traduzidos e adensados pela linguagem artística dos quadrinhos. Em nosso caso específico, a discussão sobre *Magra de Ruim* almeja contribuir com os esforços intelectuais que se dedicam às identidades de gênero e sexualidade feminina em sua diversidade de manifestações.

2 O corpo liberado de Magra de Ruim

A discussão sobre sexualidade e sobre o corpo feminino no Brasil ganhou profundidade a partir da década 1970 em virtude da iniciativa de feministas interessadas em superar tabus em favor da defesa de que nós, mulheres, somos “donas do próprio corpo” e dele podemos obter prazer. Embora muita coisa tenha acontecido desde então, tratar desembaraçadamente da sexualidade continua uma dificuldade para muitas mulheres (WEBSTER, 1985, p. 392).

Em certos aspectos, a permanência de tabus para tratar a sexualidade se deve, ao fato de, até o presente, concebermos muitas vezes a sexualidade feminina performatizada em função dos interesses do masculino. Isso é evidente em vários artefatos culturais, entre eles obras literárias, pinturas, histórias em quadrinhos etc. Neles, as mulheres são amiúde representadas como “mansas e facilmente satisfeitas, mais interessadas em dar do que em obter prazer” (WEBSTER, 1985, p. 395, tradução nossa). Nesse sentido, a semântica do prazer é uma manifestação do poder masculino na definição dos papéis dos corpos.

A tentativa de controle da sexualidade, do prazer e do desejo feminino acontece com maior frequência em produtos artísticos de autoria masculina, em que o corpo das mulheres está presente, mas para proporcionar prazer, seja para os personagens, seja para o público-alvo. É a partir do interesse das mulheres pelo tema da sexualidade que constatamos algumas

mudanças: “enfim, as mulheres começarem a romper o silêncio sobre o próprio corpo, reivindicando o direito ao prazer” (XAVIR, 2007, p. 156). Em certa medida, é isso o que acontece na história em quadrinhos *Magra de Ruim*.

Embora o referido quadrinho, por ser um produto autoficcional, toque em vários assuntos que atravessam as experiências de vida da artista, nos ateremos àqueles que tocam na questão da sexualidade feminina. Para tanto, escolhemos alguns trechos da produção que abordam desde os efeitos da sociedade do consumo na sexualidade feminina até as questões sexuais mais íntimas, entre elas a realização de práticas sexuais que são repelidas por muitas mulheres, como é o caso do sexo anal (PISCITELLI, 2006, p. 34).



Figura 1- M.R. 2016, p. 88.

Na sequência narrativa da Figura 1, Sirlanney apresenta, de maneira bem-humorada, uma oportunidade para refletirmos sobre como o sistema patriarcal subsidiado pela sociedade de consumo colabora para a delimitação e subalternização do lugar social da mulher. Embora a mulher tenha conquistado mudanças significativas quanto às oportunidades de trabalho, estudo, direito sobre o próprio corpo etc., elas são rotineiramente capturadas pela teia narrativa do capitalismo que constrói o modelo de mulher sexualmente desejável: sempre jovem (o etarismo⁵ é um problema real especialmente para mulheres), com

⁵ Etarismo é um termo que deriva do *agism* cunhado pelo gerontologista Robert Butler (1969) para se referir à discriminação contra um grupo etário.

o *skin care* em dia e com corpo modelado, de acordo com a tendência do momento, pela academia ou pelos consultórios de cirurgia plástica.

Assim, Magra de Ruim, mesmo representada como uma mulher “dona do próprio corpo”, que procura experimentar os prazeres sexuais, tentando se desvencilhar dos discursos que procuram limitar sua forma de sentir e manifestar seu desejo, acaba sendo afetada pela narrativa que postula que a “mulher desejável” precisa ser continuamente (re)construída a fim de alcançar a satisfação sexual – “ser fodida”, como lemos na sequência da Figura 1. Essa narrativa estabelece que a mulher precisa se encaixar nos padrões estabelecidos. Por sua vez, para alcançar tais padrões, precisa investir dinheiro em recursos estéticos e, por consequência, acaba muitas vezes financeiramente prejudicada ao se deixar influenciar por eles.



Figura 2 - M. R. 2016, p. 89.

No encadeamento da narrativa (Figura 2), vemos no primeiro quadrinho Magra de Ruim costurando sua genitália, porque entende que o sexo é a causa dos problemas da sua vida. Fechar-se para o sexo seria livrar-se das complicações dele advindas. No segundo quadrinho, o dinheiro é representado como a solução, visto que em posse dele poderia se (re)construir de acordo com o padrão socialmente exigido das mulheres e, com isso, conseguir o sexo que deseja. Percebemos esta narrativa como uma crítica real, embora bem-humorada, aos padrões que são impostos, pois, como Naomi Wolf já havia constatado em *O mito da beleza* (1992, p.15), “[a] qualidade chamada ‘beleza’ existe de forma objetiva e universal. As mulheres devem querer encarná-la, e os homens devem querer possuir

mulheres que a encarnem. Encarnar a beleza é uma obrigação para as mulheres, não para os homens [...]” (WOLF, 1992, p.15).

Como seres sociais, nenhum de nós, homens ou mulheres, estamos livre das pressões dos padrões sociais e das determinações econômicas impostas pela sociedade de consumo ou pela “cultural do consumo” que embotam nossa subjetividade⁶. O que acontece normalmente é que as mulheres são, com maior frequência, o alvo direto, uma vez que a elas são frequentemente e incisivamente oferecidos: beleza, romance, graciosidade, segurança e até mesmo relacionamentos por meio do uso de certos produtos (EWEN, 2001, p. 79)⁷; e isso tem implicações diretas em como ela percebe e experimenta sua sexualidade, conforme observamos em *Magra de Ruim*.

Outro momento em que Magra de Ruim se mostra afetada pelos padrões de beleza é quando descreve um primeiro encontro com um rapaz na praia: “Tivemos nosso primeiro encontro na praia. Eu estava com vergonha da minha barriga ... você estava tremendo de frio” (M.R., 2016, p. 107). No entanto, nesta sequência narrativa, ela não permite que seu corpo fora da forma estabelecida como padrão seja um impeditivo para sua investida sexual. Notemos que ela é dona da iniciativa, isto é, seu corpo não é suficientemente interpelado pelo discurso do “corpo ideal”. Para tanto, a personagem lança mão de outros artifícios para se fazer notada e conseguir o que quer: “Quando você voltou do mar, enxuguei teu corpo como pretexto para te tocar. Não porque eu te achasse frágil, digno de cuidados, mas porque eu estava disposta a me submeter a você... eu lavaria e enxugaria os seus pés com meus cabelos” (M.R., 2016, p. 108).

⁶ Pensamos a “cultura do consumo” a partir de nosso diálogo com o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2008). Grosso modo, ela diz respeito ao contexto cultural e econômico hodierno em que a prática do consumo está frequentemente associada à satisfação contínua. Nesse contexto, o estímulo ao consumo é sempre um apelo ao sensorial, daí a ênfase na estética, na erótica e na beleza que certamente tem implicações distintas para mulheres e homens. Dito de outro forma, os corpos são interpelados pela cultura do consumo como “sujeitos superdesejantes”.

⁷ Para entender um pouco mais sobre o assunto leia *Captains of Consciousness: Advertising and the Social Roots of the Consumer Culture* publicado originalmente em 1976.



Figura 3 - M.R. 2016, p. 109.

Ainda sobre esta sequência narrativa, quando coloca que “Ficou decidido que eu seria *sua puta* e que você seria *minha puta*” (M.R., 2016, p. 109, grifo nosso) fica implícita a ideia de sexo livre e sem compromisso entre os novos amantes – a sexualidade feminina aparece sem os contornos do “corpo dócil” cuja sexualidade é domesticada. Fica implícita também a escolha de qual tipo de mulher a personagem decidiu se enquadrar, a mulher “puta” que contrasta com a “recatada” cujos desejos sexuais são orientados e protegidos pela cultura tradicional que ainda insiste no casamento como via normal para a completude sexual. A mulher puta é, neste sentido, aquela que conhece seus desejos e busca satisfazê-los exercendo sua sexualidade com autonomia. Embora enredada pela dicotomia da moral dita tradicional, performar a “puta” é subverter as coordenadas estabelecidas para a sexualidade.

Na narrativa subsequente da HQ percebemos uma tentativa de romper com configurações de papéis masculino, ativo, e feminino, passivo (PAIM, 2017, p. 8). Nesta sequência, é narrada uma experiência de sonho em que são descritas as artimanhas que a personagem usava para dar e receber prazer. Neste sonho, são apresentadas cenas de exibicionismo e masturbação com o intuito de se dar prazer e ao mesmo tempo excitar o seu *voyeur*, o primo que a observava. Na sequência narrativa, vemos, quadro a quadro, Magra de Ruim se exhibir, masturbar-se e simular um desmaio para conseguir atrair para mais perto a pessoa de seu interesse e, por conseguinte, engajar-se no ato sexual.

A encenação do desmaio pode ser percebida como uma forma menos direta, talvez, de evidenciar seus desejos e intenções sexuais. A simulação, a nosso ver, não anula a autonomia sexual da mulher, pois a personagem manipulou a situação com o fito de se engajar numa relação sexual com aquele que a observa e por quem também nutria interesses.

O desdobramento deste sonho pode ser visto na Figura 4, quando Magra de Ruim acorda:



Figura 4- M.R. 2016, p. 114.

Estimulada pelas emoções do sonho, a personagem afirma: “acordei com tanta vontade de te dar que ~~quase~~ comi o travesseiro”. Aqui, ao tachar a palavra “quase”, deixa explícita sua posição de autossuficiência, uma vez que, para se satisfazer, ela se masturba com o travesseiro; ela o “come”, função ativa que geralmente é atribuída, no glossário sexual popular, ao homem.

A masturbação é resultado de uma necessidade fisiológica, uma resposta ao apelo do corpo que se tornou um símbolo da autonomia da sexualidade feminina (WEBSTER, 1985, p. 395). Embora a prática seja muito comum, trata-se de um assunto ainda pouco discutido entre mulheres e relativamente pouco representado quando o foco é a perspectiva da mulher - ponto que produções de autoria feminina vêm tentando corrigir. Em toda obra, Magra de

Ruim aparece se masturbando cinco vezes. Vemos tal prática como um bom sinal, principalmente em se tratando de produções quadrinísticas nacionais, em que a tônica ao longo dos anos tem sido privilegiar o prazer masculino.

Outro assunto que a quadrinista aborda nos seus quadrinhos, aparentemente de maneira despreendida, é a relação sexual anal. Na Figura 5, por exemplo, a personagem Magra de Ruim parece estar realmente estimulada e envolvida no ato sexual. Não demonstra estar sendo coagida a se engajar no ato. Na Figura 6, por sua vez, não há ilustração do ato em si, mas o corpo de Magra de Ruim aparece em posição de oferta e a personagem se coloca disponível para que o parceiro possa fazer o quiser com ela, inclusive sexo anal.



Figura 5- M.R. 20016, p.102

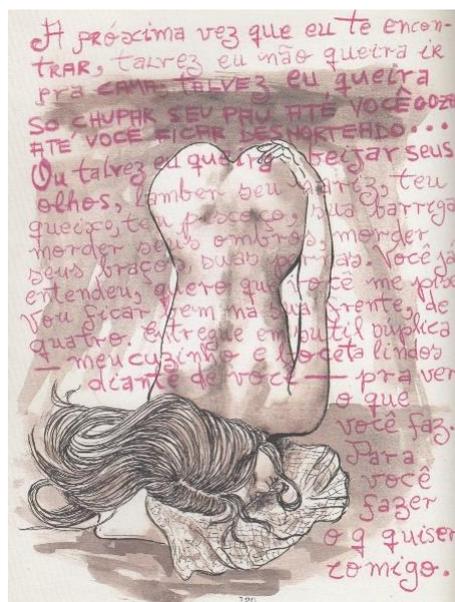


Figura 6 - M.R. 2016, p. 120

O sexo anal, seja ele homossexual ou heterossexual, é rodeado por estigmas. A prática é condenada pela religião judaico-cristã a partir dos episódios bíblicos de Sodoma e Gomorra até a contemporaneidade. No entanto, relações sexuais anais povoam o imaginário masculino e, mais recentemente, parecem estar mais presentes no imaginário feminino também (FAHS; GONZALEZ, 2014)⁸. As discussões sobre esta questão são bastante controversas, principalmente entre as estudiosas feministas. O ponto que consideramos importante sobre a menção da relação anal no quadrinho é que se trata, ao nosso ver, da manifestação da experiência pessoal da mulher em relação ao seu corpo e aos prazeres que é possível usufruir através dele.

⁸ O número crescente (FAHS; GONZALEZ, 2014) de mulheres que revelam praticar sexo anal é resultado da liberação feminista que despertou a mulher para conhecer e explorar outras partes do corpo ou seria apenas mais uma manifestação da subjugação feminina? Discussões como essas são importantes e não podem ser ignoradas por aquelas/es que se propõem a desvendar as nuances da sexualidade feminina

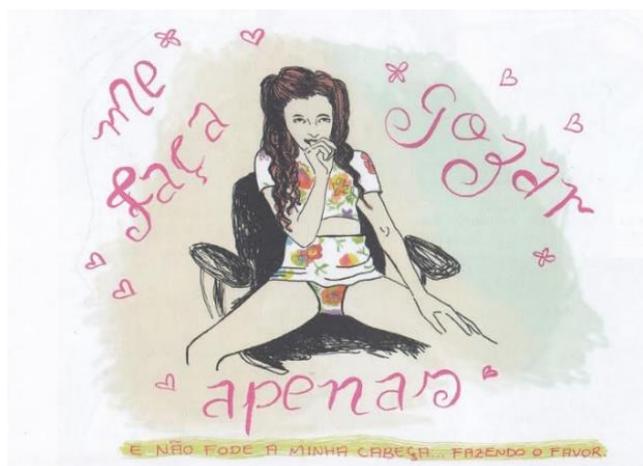


Figura 7- M.R. 2016, p. 162

Na Figura 7, a ilustração de Sirlanney representa a manifestação do desejo feminino sem amarras sentimentais. O emprego do advérbio “apenas” nos permite entender que a personagem deseja somente desfrutar do prazer sexual, “gozar”, uma vez que não cria expectativas quanto ao estreitamento de laços afetivos: “não *fode* a minha cabeça ... fazendo o favor.” (M.F, 2016, p.162, grifo nosso). O emprego do verbo “foder” provavelmente faz alusão às expectativas que normalmente são criadas, pelo menos no imaginário popular, de que mulheres quando se relacionam sexualmente estão à procura não apenas de sexo, mas de um relacionamento amoroso que envolva compromisso.

Boa parte das narrativas presentes na publicação *Magra de Ruim* se voltam para a representação do exercício da sexualidade e do prazer, partindo da ótica do seu lugar enquanto mulher e sujeito ativo do desejo, ao passo que, revisita, e em boa medida rompe, com as construções que ligam o desejo à ideia do amor romântico e a do sexo a dimensão do interdito e da procriação. (PAIM, 2017, p. 6).

Parece que *Magra de Ruim* já compreende que para haver “sexo bom” é necessário aprendermos o que gostamos e o que precisamos fazer para colocá-lo na nossa vida (WEBSTER, 1985, p.393). Para tanto, rompe com a ideia de que a mulher se envolve em relações cujos objetivos são reprodução e priorização fundamental do prazer masculino.

3 Considerações finais

As histórias em quadrinhos se configuram na atualidade como uma das manifestações culturais mais populares e, assim como outras formas de arte, podem contribuir para a produção de sentidos, a (des)construção de identidades e a reafirmação e/ou subversão de valores e comportamentos que são normalmente atrelados à ideia do que é concebido como feminino e do que é masculino. Importante pontuar que tais noções são construções socioculturais e, portanto, não são qualidades biológicas inerentes ao sexo, mas que podem ser culturalmente naturalizadas como tais.

Em virtude da possibilidade dessa naturalização, acreditamos que a pluralidade de vozes nas variadas formas artísticas pode contribuir para maior diversificação da representação das performances de gênero, o que inclui a sexualidade. Ao nos restringirmos à sexualidade feminina em nosso trabalho, com o foco na produção quadrinística *Magra de Ruim*, podemos constatar que o grande diferencial dos quadrinhos produzidos por Sirlanney é a forma como ela representa a sexualidade feminina no decorrer da narrativa.

Ao representar uma personagem que é uma feminista em construção, cujo corpo não é gratuitamente objetificado, que lida com conflitos estabelecidos pela cultura patriarcal e que procura subvertê-los ao não ignorar que seu corpo é “um corpo desejante”, por exemplo, a quadrinista dialoga diretamente com potenciais mulheres leitoras que procuram se enxergar num produto artístico que é historicamente produzido, pensado e direcionado ao público consumidor masculino. Considerando isso, defendemos a ideia de que precisamos tanto de movimentos sociais e feministas, quanto de produções teóricas e artísticas que abordem de maneira incisiva a sexualidade feminina, pois como bem colocou Vance (1985, p. 24), não é suficiente afastar as mulheres dos perigos da opressão; precisamos avançar na direção do prazer e do agenciamento.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *A vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BRAGA JUNIOR, Amaro Xavier; SILVA, Valéria Fernandes da (Org). *representação do feminino nas histórias em quadrinhos*. Maceió: EDUFAL, 2015.
- COAN Samanta; FONSECA Mariamma; HORTA Samara. *Revista Riscal!*. Realizado pelo coletivo Lady's Comics. Edição de aniversário, 2015.

EWEN, Stuart. *Captains of consciousness: advertising and the social roots of the consumer culture*. New York: Basic Books, 2001.

FAHS, Breanne Fahs; GONZALES, Jax. The front lines of the “back door”: Navigating (dis)engagement, coercion, and pleasure in women’s anal sex experiences. *Feminism & Psychology*, Arizona State University, Vol. 24, 2014, p. 500-520.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.10, n. 2, 2002, p. 283-301.

MULVEY, Laura. Prazer visual e cinema narrativo. Tradução de João Luiz Vieira. In: XAVIER, Ismail (Org.) *A experiência do cinema*. Rio de Janeiro: Graal/Embrafilme, 1983.

NOGUEIRA, Sirlanney. *Magra de Ruim*. Ilustrado por Sirlanney. 2 ed. São Paulo: Lote 42, 2016.

_____. *Magra de Ruim*. Entrevista para revista TPM, concedida a Natacha Cortêz e publicada em 2014. Disponível em: < <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/magra-de-ruim>>. Acesso em março de 2019.

_____. *Como é a vida de uma quadrinista da internet*. Disponível em: <<https://medium.com/@sirlanney/como-%C3%A9-a-vida-de-uma-quadrinista-da-internet-2395e511db5c>>. Publicado em 2016. Acesso em 20 de setembro de 2019.

PAIM, Mariana Souza. *Magra de Ruim: Gênero, sexualidade e a ficcionalização de si*. 13^o Mundos de mulheres e fazendo gênero 11. Feira de Santana, 2017. Disponível em: <http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499913839_ARQUIVO_TrabalhoCompleto-MagradeRuim.pdf>. Acesso em: junho de 2019.

PISCITELLI, Adriana. Viagens e sexo on-line: a internet na geografia do turismo sexual. In: MALUF Sônia Weidner et al. *Olhares feministas*. Brasília: Ministério da Educação, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=639-vol10feministas-pdf&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: dezembro de 2019.

VANCE, Carole. Pleasure and danger: toward a politics of sexuality. In: VANCE, Carole S. (Org.) *Pleasure and danger: exploring female sexuality*. United States of America: Routledge e Kegan Paul, 1985, p. 01- 28.

WEBSTER, Paula. The forbidden: eroticism and taboo. In: VANCE, Carole S. (Org.) *Pleasure and danger: exploring female sexuality*. United States of America: Routledge e Kegan Paul, 1985, p. 385 – 398.

WOLF, Naomi. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse? o corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.

Recebido em 14/12/2020. Aceito em 26/04/2021.